

Este não é apenas um momento de despedida de um Conselheiro que termina o seu longo mandato de 13 anos, mas é também a oportunidade para exprimir os meus sentimentos de satisfação e orgulho por ter podido servir ao meu país neste Conselho desta Instituição que, ao longo de 80 anos, tem defendido o imenso e maravilhoso património cultural e histórico do Brasil.

Fui nomeado, em 2004, como representante da sociedade civil pelo Presidente Antônio Augusto Arantes (2004-2006). Em seu convite Arantes alegou a necessidade de ter um Conselheiro com conhecimento relativo às culturas indígenas brasileiras. Logo no início de seu mandato tive a honra de representar este instituto, juntamente com Marcelo Brito, no ato de fundação do CRESPIAL, realizado em localidade próxima de Cuzco, no Peru.

O meu primeiro parecer em um processo de registro foi o do Ofício da baiana de Acarajé. Esse registro ocorreu em uma emocionante reunião - em janeiro de 2005 - na nave de uma Igreja, localizada no Museu de Arte Sacra de Salvador. Reunião esta que contou com a presença do Ministro de Cultura, Gilberto Gil, diante de cerca de duzentas baianas, e da mãe Olga do terreiro de Alaketo. Em dezembro desse mesmo ano fiz o relatório do

Jongo do Sudeste.. Assim, foi somente em 2006, na gestão de Luiz Fernando de Almeida, que tive a oportunidade de fazer o parecer do registro de um bem cultural de uma população indígena, “Cachoeira do Iaureté, lugar sagrados dos povos indígenas dos rios Uapés e Papuri”. Tive a satisfação de continuar como Conselheiro nos mandatos de Jurema Machado e Kátia Bogéa, duas incansáveis defensoras de nosso Patrimônio. E considero ainda a feliz oportunidade de participar, como Conselheiro, das magnificas comemorações dos 80 anos do IPHAN, conduzidas com um grande sucesso pela presidente Kátia Bogéa, em um momento difícil da história de nosso país.

Considero que a participação neste Conselho, realizando laudos e, principalmente, ouvindo relatos dos demais membros do Conselho não pode ser classificada simplesmente como um ofício burocrático, mas sim como um magnifica forma – uma rica oportunidade – de aprender muito sobre a cultura material e imaterial de nosso país.

Na maior parte do meu mandato representei a Associação Brasileira de Antropologia, fundada em 1953 em Salvador, e que tive a honra de presidir em 1990-1992. Atualmente a ABA é a terceira maior Associação de antropólogos do mundo, precedida apenas pela associação americana e a japonesa. Assim considero justa a decisão do IPHAN de atribuir a ABA e

também a Sociedade Brasileira de Arqueologia o pertencimento efetivo neste Conselho.

A Presidente da Associação Brasileira de Antropologia, Lia Zanota Machado, professora da Universidade de Brasília, escolheu como representantes da ABA, neste Conselho, o professor Antonio Carlos Mota de Lima, da Universidade Federal de Pernambuco, e como suplente, a professora, Izabela Maria Tamasso, da Universidade Federal de Goiás.

O professor Mota de Lima, realizou os seus estudos na França, tendo obtido o grau de mestre em história na Universidade de Paris Sorbonne. Em 1998, defendeu a sua tese de doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris. Em 1992, tornou-se professor na Universidade Federal de Pernambuco, no Programa de pós Graduação em Antropologia. A professora Izabela Maria Tamasso, realizou o seu curso de graduação em Rádio e Televisão, da Universidade de São Paulo, e mestrado e doutorado em Antropologia na Universidade de Brasília. Tenho certeza que ambos representarão com eficiência e brilhantismo a nossa Associação.

Finalmente, quero saudar todos os membros do Conselho, colegas e amigos, com os quais pretendo continuar em contato e agradecer por todas gentileza deles e delas recebidos. Obrigado.